

Freud em tradução: tradições

Luciano da Costa Espírito Santo,¹ Brasília

Resumo: Desde o início do século 20 a tradução da obra freudiana para outros idiomas esteve cercada de problemas técnicos e controvérsias teóricas. Este artigo descreve as principais questões envolvendo algumas das traduções mais renomadas e seu uso pelos psicanalistas, e comenta duas novas traduções para o português brasileiro da obra do pai da psicanálise.

Palavras-chave: Freud, tradução, obra completa de Freud

Durante as primeiras décadas do século 20, o movimento psicanalítico via a tradução da obra freudiana como essencial para sua expansão internacional e aceitação no meio científico, desejo antigo do pai da psicanálise. A “conquista da América” pela divulgação em inglês das ideias psicanalíticas era uma possibilidade muito atraente para Freud e seus colaboradores mais próximos, mas foi também marcada por ambivalências. A recepção da psicanálise nos Estados Unidos era mista, com alguma aceitação nas universidades e fundação de duas sociedades psicanalíticas, mas houve também várias críticas públicas e acusações de charlatanismo. Freud, inicialmente otimista com a penetração da psicanálise nos Estados Unidos, desenvolveu crescente animosidade e diversas restrições à cultura e sociedade americanas (Gay, 1989; Solms, 2018). Esse contexto tingiu com algumas ambiguidades e soluções de compromisso a grande empreitada da tradução da obra freudiana completa para o inglês, que se tornou conhecida como a canônica *Standard Edition*. Parcialmente financiada com dinheiro americano, ela foi encomendada a um escritor inglês e analisando de Freud, ligado ao grupo literário de Bloomsbury, cujos membros eram admiradores do liberalismo, socialismo e romantismo alemão, e críticos do puritanismo e capitalismo americanos (Roudinesco, 2016). Porém, em divergência aos valores daquele grupo, a tradução britânica organizada por James

1 Membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília. (SPBs)

Strachey atendeu à tradição científica anglófona e não à alemã: foram criados neologismos greco-latinos para renomear os mais importantes conceitos freudianos, em marcante diferença com os originais alemães vindos da linguagem comum, prática tradicional na literatura científica alemã. Strachey optou por traduzir Freud como se ele fosse um “cientista inglês” (Solms, 2018, p.13).

A empreitada da *Standard Edition* (publicada originalmente pela Hogarth Press em Londres, de 1953 a 1974) se tornou referência para as traduções em outros idiomas, e ao longo do século passado outras versões sofreram a influência de suas opções técnicas e filológicas. Cada tradução revela também aspectos históricos, políticos e epistemológicos do *zeitgeist* em que foi produzida e, portanto, pode incluir, de forma consciente ou não, a expectativa do seu tradutor ou editor quanto à recepção do texto em seu tempo e comunidade, sua visão das teorias psicanalíticas pós-freudianas e preferências frente às disputas teórico-ideológicas pela herança do freudismo. A legitimidade de uma tradução, comparativamente às demais, pode se revelar uma questão não apenas técnica, mas também política.

Com a publicação do *Vocabulário de Psicanálise* (Laplanche & Pontalis, 1967/1982), no final da década de 1960, que apresentava comentários negativos a muitas opções da canônica tradução britânica, ganhou força um debate internacional repleto de críticas à terminologia conceitual adotada por Strachey e sua equipe na *Standard Edition*. O texto de Laplanche e Pontalis descrevia, em detalhes, seu esforço exegético na leitura dos textos freudianos e defesa de suas escolhas semânticas. A influência de aspectos culturais e epistemológicos na tradução e compreensão dos conceitos assumiu maior relevância nas discussões da comunidade psicanalítica mundial.

Na década de 1970 a editora Imago iniciou a publicação no Brasil da *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, versão nacional da *Standard Edition*, e, na década seguinte, surgiram preocupações com essa edição. Diversos estudiosos da psicanálise advogaram a necessidade de novas versões do texto freudiano para o público brasileiro (Strecker, 2010). A partir daí, os estudantes de

psicanálise no Brasil, particularmente no meio universitário – embora o debate sobre as traduções freudianas também ocorresse nos institutos de formação psicanalítica – foram envolvidos em disputas teóricas sobre a fidelidade ao pensamento original freudiano de muitos de seus mestres. A era das grandes escolas da psicanálise (Mezan, 2019) influenciava, anacronicamente, o modo como se lia Freud e como os analistas se filiavam às suas principais ideias. Na academia, alguns professores veementemente desencorajavam a leitura da *Edição standard brasileira* por razões que iam além dos erros técnicos conhecidos. Um dos principais argumentos levantados era o de que o trabalho de Strachey acrescentava um viés positivista na apresentação da obra freudiana, incompatível com a vocação humanista da psicanálise – uma crítica que ignorava as aspirações científicas do próprio Freud, amplamente documentadas. Um exemplo é a diatribe de Bruno Bettelheim (1994) contra um suposto excesso cientificista na *Standard Edition*. Estudantes de psicologia, literatura e medicina se esforçavam para pôr as mãos nas traduções argentina ou espanhola, muito recomendadas por esses professores. Outros mestres simplesmente ignoravam as polêmicas e abraçavam a *Edição standard brasileira* sem nenhuma crítica.

Dependendo da escola de psicanálise à qual pertencia o mestre ou professor – se mais britânica, argentina ou francesa –, algumas traduções eram vilipendiadas e outras bem recomendadas. Os mais ponderados informavam a seus estudantes a provável verdade: todas tinham problemas, e o leitor de Freud deveria estar atento às transformações de sentido que as opções teóricas e filosóficas dos tradutores poderiam implicar.

Com a aproximação do ano 2010, quando a obra freudiana caiu em domínio público, o mercado brasileiro de literatura psicanalítica começou a se movimentar. A editora Imago, então detentora dos direitos de publicação de Freud no Brasil, assumiu os problemas da sua *Edição standard* e preparou uma nova versão, traduzida diretamente do alemão. O primeiro volume saiu em 2004. Esse ambicioso projeto, dirigido por Luis Alberto Hanns, pretendia abordar as distorções e imprecisões conceituais ao levar em consideração os achados históricos mais recentes sobre a escrita freudiana e as opiniões de seus intérpretes

e comentadores mais importantes. A edição discutia com clareza seus critérios técnicos, descrevendo ao leitor como seus tradutores identificaram os traços semânticos, a terminologia e os aspectos estilísticos da obra freudiana por eles adotados – algo até então inédito nas versões brasileiras (Freud, Volume 1, 2004).

A nova tradução da Imago teve um impacto inicial significativo entre os leitores de Freud no Brasil, mas não estava livre de controvérsias. A opção de traduzir *Trieb* por “pulsão”, alinhada à tradição francesa defendida por Lacan, Laplanche e Pontalis, tem uma justificativa de oito páginas, em que o editor apresenta o termo como um conceito plural, articulador de muitas camadas e vetores de significado, e não facilmente redutível a um deles. Afirma Hanns (2004): “Daí a importância de se evitar o equívoco de cindir o termo *Trieb* e tratá-lo como referente ao biológico ou só ao que é humano” (p. 140). O abandono do termo “instinto” como opção viável também é defendido: embora Freud use *Instinkt* para humanos e animais, esse conceito enfatizaria o “aspecto impositivo ou imperativo da biologia sobre o comportamento” (p. 141), visto como incompatível com as ideias freudianas de *Trieb*. Outro aspecto polêmico dessa tradução é que ela foi cotejada com seis outras, incluindo versões traduzidas da *Standard Edition*, e ainda manteve os comentários da tradução inglesa sem nenhuma modificação ou crítica ao seu conteúdo. Infelizmente, por diversas razões, essa nova versão das obras completas de Freud foi abandonada pela editora após a publicação do terceiro volume.

Em 2010, a editora Companhia das Letras iniciou uma nova edição das obras completas do criador da psicanálise em vinte tomos, empreendimento que se encerrou em fevereiro de 2025 com a publicação dos dois últimos volumes. Traduzida diretamente do alemão e organizada pela cronologia de publicação dos originais, essa versão foi rapidamente adotada com entusiasmo pelos leitores brasileiros de Freud. Disponível em formato impresso e digital, é de autoria de Paulo César de Souza, que também apresenta e discute com o leitor as suas opções técnicas. Esse tradutor visa “oferecer os textos com o máximo de fidelidade ao original, sem interpretações de comentaristas e teóricos posteriores da psicanálise” (Freud, 2025, p. 6), na tentativa de livrar o

material de anacronismos e imprecisões conceituais. O fato de a maioria do texto ter sido traduzido por apenas uma pessoa, ao contrário da nova edição da Imago, contribui para a manutenção do estilo geral e senso de continuidade que o leitor experimenta ao passar de um volume a outro.

Essa versão, entretanto, também suscita algumas polêmicas. Souza mantém a tradição de *Trieb* como “instinto”. O tradutor indica que a origem da polêmica sobre esse conceito está na crítica francesa ao suposto biologismo e determinismo comportamental conotado pelo termo “instinto”, que Souza atribui a uma leitura simplificada da obra freudiana. Transcendendo o debate epistemológico da questão (que ele não ignora), o tradutor realiza duas análises principais para defender suas escolhas, uma mais técnica e outra mais hermenêutica:

Limitando-nos ao terreno da filologia, podemos verificar, primeiro, se etimologicamente a palavra “instinto” não permitiria um sentido mais generoso, e até que ponto *Instinkt* se diferencia de *Trieb*, para os falantes e escreventes do alemão. Em segundo lugar, é preciso checar os trechos onde Freud usa *Instinkt*, para ver se efetivamente ele faz uma diferenciação tão nítida como se crê. (Souza, 2025, p. 248)

Ao sugerir que “instinto”, em nosso português, não está tão conectado ao determinismo biológico como se possa presumir, o tradutor sustenta que a rede semântica evocada por esta palavra, entre nós, é vastamente superior à de “pulsão”, que retém algo de estranheza associativa. Quanto ao texto freudiano, Souza argumenta que a adoção de “pulsão”, foi inspirada pelo trabalho de Laplanche e Pontalis

implica uma ruptura ou cesura entre o que é humano e o que é animal, desprezando o que haveria deste naquele. Um movimento contrário ao ponto de vista essencial da psicanálise de Freud – que, tal como seus antecessores espirituais diretos (Schopenhauer e Nietzsche, para ficarmos entre os alemães), incluía decididamente o homem entre os animais. (2025, p. 253)

Na última década, tivemos também o lançamento, com o patrocínio da IPA, da *Revised Standard Edition*, sob coordenação do psicanalista Mark Solms. Sua proposta é revisar a versão original, corrigindo erros da tradução canônica, mas optando por manter as principais convenções estabelecidas por Strachey (Solms, 2013, 2018, 2024). Por exemplo, o editor defende a tradução de *Das Ich* por *Ego* a partir de vários argumentos, inclusive o de que as traduções da filosofia alemã ocorridas antes de Freud já tinham normalizado a palavra *Ego* para os leitores anglófonos. Outra justificativa é a de que, mais de um século depois que os primeiros tradutores de Freud transformaram *Ich* em *Ego*, “todo mundo” sabe o que o termo latino *ego* significa em psicanálise (Solms, 2013, p. 202). Uma exceção notável à preservação das convenções de Strachey é a substituição do termo *instinct* por *drive*: Solms defende que Freud emprega *Trieb* e *Instinkt* para falar de coisas diferentes, o que justificaria o uso de diferentes termos em inglês (Solms, 2024, p. 638).

A tradução da Companhia das Letras tem o grande mérito de se livrar dos termos *Ego* e *Superego* (embora mantenha *Id*), restabelecendo os significados primários de “Eu” e “Super-eu” que Freud assinalou em sua obra, inclusive com suas possíveis implicações fenomenológicas. É interessante lembrar, como observam vários psicanalistas, que, ao enunciar algo sobre a instância psíquica “Eu”, alguém está, em alguma medida, se referindo ao próprio eu – reflexivamente sujeito e objeto –, presentificando-o no pensamento e confrontando-o com o conceito. Isto é condizente com a implicação pessoal do analista em sua formação e seu trabalho, que deve contemplar também as vivências e transformações de si mesmo, em níveis não conscientes e não imediatamente acessíveis, mas tentando manter aberto, o máximo possível, o trânsito entre a consciência e o inconsciente.

O que esperar de uma boa tradução de Freud? Talvez que se esmere em ser fiel ao texto freudiano e que explique como entende essa “fidelidade”. Cabe ao leitor pressupor que um pouco da subjetividade do tradutor estará sempre projetado em sua tradução, ainda que de forma inconsciente. E também a do leitor. O texto freudiano continua a ser uma obra aberta, em muitos sentidos.

Freud en la traducción: tradiciones

Resumen: Desde principios del siglo 20, las traducciones de obras freudianas a otros idiomas han estado rodeadas de problemas técnicos y controversias teóricas. Este artículo describe las principales cuestiones que rodean algunas de las traducciones más conocidas y su uso por los psicoanalistas, y comenta dos nuevas traducciones al portugués brasileño de la obra del padre del psicoanálisis.

Palabras clave: Freud, traducción, obra completa de Freud

Freud in translation: traditions

Abstract: Since the beginning of the 20th century, translations of Freud's work into other languages have been surrounded by technical problems and theoretical controversies. This article describes the main issues surrounding some of the most renowned translations and their use by psychoanalysts, and comments on two new translations into Brazilian Portuguese of the work of the father of psychoanalysis.

Keywords: Freud, translation, Freud's complete work

Referências

- Bettelheim, B. (1994). *Freud e a alma humana*. Cultrix.
- Gay, P. (1989). *Freud: uma vida para nosso tempo*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (2004). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (L. A. Hanns, Trad., Vol. 1). Imago.
- Freud, S. (2025). *Obras completas* (P.C. de Souza, Trad., Vol. 1). Companhia das Letras.
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1982). *Vocabulário de Psicanálise*. (Trabalho original publicado em 1967).
- Mezan, R. (2019). *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise* (2.^a ed.). Blucher.
- Solms, M. (2013). Notes on the Revised Standard Edition. *Psychoanalytic Review*, 100(1), 201-210.
- Solms, M. (2018). Extracts from the Revised Standard Edition of Freud's complete psychological works. *Int. J. Psychoanal.*, 99(1), 11-57.

Luciano da Costa Espírito Santo

Solms, M. (2024). Guest Editor's Introduction to the IJP Special Issue on Freud's Revised Standard Edition. *Int. J. Psychoanal* 105(5), 637-640.

Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Zahar.

Souza, P. C. (2025). *As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões (nova edição)*. Companhia das Letras.

Strecker, M. (2010, 30 de janeiro). Mudança de alguns termos dos textos de Freud já é consenso. *Folha de S. Paulo*. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u686651.shtml>

Luciano da Costa Espírito Santo

Lsanto@gmail.com